

18 JUL 1987

PMDB - convenção ^{anc} Quem perde, ganha ^{P-11}

André Gustavo Stumpf

A Convenção Nacional do PMDB, que será realizada neste final de semana em Brasília, transformou-se numa manifestação política com expectativas diferenciadas para cada um dos líderes políticos que nela vão operar. O presidente José Sarney compôs uma espécie de armadilha política que vai conduzir o partido a aprovar o Plano Bresser, que é a mais urgente necessidade do Governo, mas colocou o PMDB diante de uma formidável dúvida: quatro, cinco anos de mandato ou nenhuma decisão sobre o assunto?

A armadilha presidencial está contida nesta indefinição do PMDB. Se o partido se decidir por quatro anos de mandato para o presidente, vai experimentar uma explosão interna de bom tamanho. Os parlamentares do centro para a direita não querem eleição presidencial em novembro de 1988 porque ainda não surgiu um candidato à presidência da República que satisfaça esta faixa de constituintes. Ocorrendo esta hipótese, o presidente Sarney poderá facilmente atrair os descontentes do partido.

Essa possibilidade é a que mais agrada ao senador Mário Covas, um histórico defensor do mandato de quatro anos. Se a sua tese for consagrada, ele deverá sair da convenção do PMDB nos braços do povo já na qualidade de candidato à presidência da República, situação, aliás, reforçada pelos seguidos elogios que recebeu de Leonel Brizola na semana passada. "Por que não podemos montar uma chapa com o Covas para presidente e eu de vice?", perguntou, numa conversa com jornalistas, o ex-governador do Rio de Janeiro.

A aprovação de cinco anos de mandato para o presidente favorece a tese defendida pelo presidente do partido, Ulysses Guimarães, e pela maioria dos governadores. Esta é a melhor hipótese para o presidente da República, mas nela também está inserido o vírus da divisão do partido. Aqueles que defendem os quatro anos poderão procurar abrigo em outra legenda, o que justifica, inclusive, os afagos que o senador Covas tem recebido de Leonel Brizola. Veja-se que, em qualquer dos casos, o presidente José Sarney — que anda com vontade de fazer uma

reforma ministerial com base política — vai saber exatamente qual é o PMDB que o apoia.

A vitória de qualquer das duas facções será a derrota do partido na pessoa de seu presidente. Ulysses Guimarães, que se equilibra há muitos anos na administração difícil do cotidiano do PMDB. Ele e os governadores têm mais a perder do que a ganhar com uma eventual definição do mandato ou de regime de Governo porque a decisão do partido não tem força de lei. Nem vai se impor de maneira definitiva à Assembléia Nacional Constituinte. Os governadores, aliás como o presidente da República já descobriu, têm reduzida capacidade de influir sobre os convencionais do partido — e não desejam que esta fraqueza seja tornada pública.

Neste momento, é mais importante para o presidente da República que haja uma manifestação de apoio à sua política econômica. A definição da extensão de seu mandato pela Convenção Nacional do PMDB vai facilitar a sua administração: se for aprovado um mandato de quatro anos, ele reformará o ministério para governar com os pemedebistas adeptos de cinco. Se for aprovado o mandato de cinco anos ele vai assumir, numa posição privilegiada, o lento desmoronar do maior partido político brasileiro da atualidade.

Se nada for aprovado e o partido decidir adiar sua definição sobre o assunto, o líder Mário Covas vai ficar numa posição difícil, porque ele já disse que defenderá qualquer decisão do partido, mesmo que não seja aquela pela qual ele quer, portanto, uma decisão. Ulysses Guimarães joga na unidade partidária, que se for rompida vai despejar pedaços de PMDB no Governo e no partido de Leonel Brizola. É o presidente da República, que anda mais preocupado com a economia do que com a política, está na cômoda posição de pedir definições sobre o seu mandato, para forçar a transparência do PMDB e retirar o partido do palanque das diretas. Qualquer decisão sobre o mandato do presidente auxilia, neste momento, o presidente da República. Ele, ao contrário de Ulysses Guimarães e Mário Covas, tem mais a ganhar do que a perder neste final de semana.

André Gustavo Stumpf é repórter do JORNAL DO BRASIL em Brasília